

FICHA TÉCNICA

TÍTULO  
EMBRYÕES

AUTOR  
TEIXEIRA DE PASCOAES

PREFÁCIO  
AS PRIMÍCIAS DE TEIXEIRA DE PASCOAES  
POR ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

EDIÇÃO FAC-SIMILADA  
CÂMARA MUNICIPAL DE AMARANTE

ISBN  
978-989-8141-60-6

DEPÓSITO LEGAL  
398 588/15

P R E F Á C I O  
—

AS PRIMÍCIAS DE  
TEIXEIRA DE PASCOAES

---

Sigo a inclinação geral de esquecer que Teixeira de Pascoaes foi um jovem inexperiente. Habituei-me a ver nele um estilo forte e feito, só seu, que como uma impressão digital veio ao mundo para o alargar. A sua irmã Maria da Glória, que era pouco mais nova e com ele conviveu em tenra idade, e é por isso uma fonte segura, indica que Pascoaes nunca se entregou aos inocentes disparates das crianças, ensimesmado em si, perplexo ante o enigma do mundo, pleno de experiência e de filosofia na idade em que se joga à rabia e se atira o berlinde. No livro de memórias que deixou, *Olhando para Trás Vejo Pascoaes* (1971; 1996), esta singular observadora chega a dizer que Pascoaes, então ainda e apenas um nome civil, Joaquim Pereira Teixeira de Vasconcelos, *foi sempre um homem, nunca foi criança.*

Tal afirmação, que é a monstruosidade do génio, chega para me fazer ver a seriedade, a gravidade adulta do jovem Joaquim. Era já admirado pelos irmãos que viam nele um oráculo que descera ao mundo para revelar uma verdade indesvendada. Hoje, 140 anos após, actualizando o lugar de cada um, percebe-se que

a distância entre estes manos não seria assim tão intransponível como na época os mais novos criam. Teixeira de Pascoaes também foi uma criança ingénua e um adolescente inseguro. Os seus inícios de escritor aí estão para lembrar que este criador tão genial teve uma primeira colheita magra e hesitante.

Segundo as valiosas investigações de Jacinto do Prado Coelho em Amarante na década de 60 do século XX, origem da monumental edição crítica das “Obras Completas de Teixeira de Pascoaes” (1965-1975), a mais escrupulosa e completa até hoje, Teixeira de Pascoaes estreou-se em letra impressa aos 17 anos, imberbe aluno do liceu da vila de Amarante, em jornal local, *A Flor do Tâmega*, com um poema em sete tercetos, “Futuro Spes” (ano IX, n.º 437, 21-4-1895), assinado já com o nome poético definitivo.

O mesmo jornal, meses depois, a 15 de Setembro, anunciou para breve o aparecimento do livro de estreia do jovem, *Embriões* [no original *Embryões*]. Por esse indicador, se fica a saber que o livro, paginado e impresso na cidade do Porto, na Tipografia Industrial, Rua do Bonjardim, terá sido começado, tipograficamente falando, no Verão de 1895, antes da partida do autor para Coimbra, onde foi frequentar o último ano do liceu, por certo para se ambientar a meio desusado e intimativo para quem chegava dum rústico e acanhado círculo social que ia do coração de Amarante até Gatão e tinha ante si, em tão excêntrico lugar, um demorado lustro, já que ia destinado ao vulgaríssimo canudo de Direito da burguesia rural.

Desconhece-se o momento exacto em que o livro viu a luz – só nele há indicação de ano – mas tudo leva a crer que terá sido no final do Outono de 1895, pois o jornal *A Flor do Tâmega* volta a apreciá-lo, desta vez como volume impresso, em 22 de Dezembro, já Pascoaes, que completara em Novembro 18 anos, estava em Coimbra<sup>1</sup>. Também o poeta numa nota final do livro, destinada a assinalar os erros que passaram nas provas, confessa que a revisão apressada do livro se deveu antes de mais à pressão das urgências escolares, dando-as por inusitadamente exigentes, o que leva a crer que a produção tipográfica do livro tenha coincidido com os trabalhos do primeiro período liceal passado em Coimbra, entre Outubro e Dezembro de 1895.

O livro de estreia de Teixeira de Pascoaes surgido no Outono de 1895 apresenta como primeira curiosidade o facto de aparecer assinado de dois modos – na capa apenas “Teixeira de Pascoaes” e no frontispício (p. 5) “Joaquim P. Teixeira de Pascoaes V.”. Não tenho dúvida que o nome da capa é o que melhor cabia já ao autor, pois foi com ele que se estreou no jornal *A Flor do Tâmega* e é a ele que recorre ainda para assinar [*T. de P.*] a já aludida errata do livro. Será com ele que subscreverá depois, durante cerca de seis décadas, uma vastíssima obra em prosa e verso. O facto da primeira dedicatória do livro caber a seus pais, responsáveis obrigatórios pelos custos da edição, já que o jovem poeta não tinha proventos próprios, pode porventura ajudar a explicar a

<sup>1</sup> Maria José Teixeira de Vasconcelos informa (v. *Na Sombra de Pascoaes*, 1993: 41) que se instalou então na República do Padre Porfirio, na Rua do Cabido n.º 11.

excepção do nome que surge no frontispício, mesclando o seu nome poético ao seu nome civil.

Outra curiosidade é o autor ter ulteriormente riscado o livro da sua bibliografia, não mais o citando. Nas alusões que Teixeira de Pascoaes fez retrospectivamente ao momento inicial da sua estreia recorreu sem excepção, para o situar, às duas partes da écloga *Belo* (1896-97) e à primeira edição da colectânea *Sempre* (1898). É o que se prova na conhecida nota inicial da terceira edição de *Sempre* (1915) em que diz: *Este livro merece-me um carinho especial, pois é ele a fonte de todo o meu pensamento poético, assim como duas éclogas anteriores (Belo, publicado em 1896) (...)*. Também no capítulo terceiro de *O Homem Universal* (1937) faz recuar a origem da sua criação ao ano de 1896, esquecendo o ano exacto da sua estreia. Nos derradeiros parágrafos do capítulo, abona-se com dois tercetos de *Belo*, como se neles tivesse nascido o poeta.

O desinteresse de Teixeira de Pascoaes pelo seu primeiro livro foi tanto que não se limitou a esquecê-lo – procurou mesmo apagá-lo, destruindo-o. A irmã do poeta, Maria da Glória, testemunha privilegiada deste período inicial, relata o caso nas suas memórias. *O primeiro livro que Pascoaes publicou – diz ela (Olhando para Trás Vejo Pascoaes, 1996: 34) – foi Embriões e teve um grande trabalho para o fazer desaparecer. Os exemplares que havia lá em casa queimou-os todos. O Guerra Junqueiro, a quem o meu pai o tinha mandado, disse-lhe: “Diz ao teu filho que se deixe de versos.”*

A sobrinha do poeta, Maria José Teixeira de Vasconcelos (1913-2005), criada desde as primeiras semanas na casa de Pascoaes, em

Gatão, confirma outrossim o empenho do poeta na destruição do livro – que se repetiu no curso dos anos sempre que apanhava à mão exemplares. Dou-lhe a palavra (*Na Sombra de Pascoaes, 1993: 41*): *Com dezasseis anos, publicou o primeiro livro de versos – Embriões. Mais tarde, considerando-o, com razão, sem qualidade, fez uma fogueira no jardim da Casa de Pascoaes e queimou todos os exemplares que conseguiu recolher. Eu, ainda muito pequena, e obedecendo às suas ordens, ajudei a lançar os livros para a fogueira.*

Que levou o poeta a desgostar-se do livro? O juízo cru de Guerra Junqueiro pode dar uma boa razão. A presença tutelar de Junqueiro junto deste primeiro Pascoaes é inconcutível. As formas métricas do alexandrino e do decassílabo, mas também a mistura do metro curto e longo, o tipo de rima, o efeito visual das metáforas e das comparações, a concepção moral da vida, patente por exemplo no poema “A Engeitada”, mostram a dívida do livro para com Junqueiro. O poeta de *Musa em Férias*, amigo de João Pereira Teixeira de Vasconcelos, pai do jovem autor, até em pessoa comparece nos versos de *Embriões*, repetindo um processo que vem do próprio Junqueiro como auto-representação. Lá se encontra a popular figura do poeta a passar ao longe num poema sem título da primeira parte do livro (p. 66). Ora o desinteresse displicente com que Junqueiro recebeu a estreia de Pascoaes, aconselhando-o a deixar-se de versos, deve ter gelado o jovem poeta, deixando-lhe um ressaibo amargo que o desgostou para sempre do volume.

Foi justa a sanha com que Pascoaes condenou e perseguiu o livro de 1895? Os críticos académicos são unânimes em

desvalorizar esta estreia, dando razão ao juízo inicial do poeta de *Pátria*. Jacinto do Prado Coelho, talvez o mais proficuo estudioso do poeta, avaliou o livro por medíocre. Observando (no volume inicial das “Obras Completas”, 1965: 63) a primeira criação do poeta, publicada no jornal local de Amarante, falou de *composição frouxa, repassada dum pessimismo convencional*, que alargou a toda a fase recolhida no livro de 1895. Por esse motivo escusou-se a reproduzi-lo nas “Obras Completas” – de resto como o poeta se escusara nos volumes onde no final da década de 20 do século XX recolheu, revista e reescrita, a sua criação poética anterior e onde não se encontra cheiro do volume.

Mário Garcia, outro ilustre estudioso do autor de *Duplo Passeio*, toca a mesma nota crítica. *Nada transparece* – diz ele [Teixeira de Pascoaes. *Contribuição para o estudo da sua personalidade e para o estudo da sua obra* (1976: 81)] – *nestes versos de adolescente, do futuro pendor metafísico e do alento grandissonante de algumas poesias de Sempre ou de Terra Proibida*. Maria das Graças Moreira de Sá afina por idêntica altura. Afirma ela – *O Essencial sobre Teixeira de Pascoaes* (1999: 10) – *que a estreia [do poeta] no parnaso português não foi brilhante*. José Carlos Seabra Pereira, no estudo “Sobre *Embriões*, primeira obra de Teixeira de Pascoaes”, (*O Primeiro de Janeiro*, 23-11-1977), o mais completo até hoje sobre esta primeira colheita de versos, alinha da mesma forma a sua voz. Cito: *Mais tarde, Pascoaes enjeitaria este primogénito do seu estro. E, com efeito, de construção estrófica e extensão variáveis (...) e numa versificação sempre tradicional mas fruste, as composições do livro só com raras excepções mereciam outra sorte que o repúdio a que foram sujeitas*.

Não serei eu que aqui virei defender a genialidade do livro. Não se escrevem aos 16 ou 17 anos, idade em que Pascoaes compôs os textos recolhidos em *Embriões*, versos geniais. Mesmo Arthur Rimbaud, a criança poeta, caso de excepcional precocidade, precisou de aguardar pelo ano em que completava 19 anos, 1873, para fechar as duas obras maiores da sua criação, *Une Saison en Enfer* e *Illuminations*, as derradeiras que compôs. Sem elas, a sua poesia seria (quase) incaracterística, não obstante escrever versos em latim desde 1868 e em francês desde o ano seguinte.

A certeza de que as primícias de Pascoaes são do ponto de vista poético magras e verdes, sem a opulência que se tira das suas obras posteriores, não pode porém fazer esquecer os pontos fortes que o livro de 1895 tem e que chegam para o colocar acima da mera curiosidade. Nenhum crítico atrás mencionado deixou de assinalar, sem explorar porém o paradoxo, que os segmentos mais representativos da poesia de Pascoaes, como a obsessiva atenção aos lugares, às personagens e à memória da infância, quer dizer, tudo o que tornou depois a sua poesia pessoal e inconfundível, vibram já de forma consciente nesta primeira fase da sua criação, sobretudo nos versos de abertura do livro. Não se lhes nega capacidade expressiva, sensibilidade saudosa, densidade metafísica. Está lá um pensar quase sem conceitos, pensar *secreto* e imaginativo, que será afinal o *pensamento poético* que acompanhará Pascoaes até às grandes obras finais.

Também noutros passos do livro se reconhecem segmentos distintos da poética madura do autor, a saber, acerto nas

imagens, plasticidade métrica, percepção transfigurante da natureza e permanente insatisfação formal – provada na comparação entre as versões inicialmente publicadas no jornal de Amarante e as depois recolhidas no livro –, que se tornará uma das obsessões maiores da vida poética de Teixeira de Pascoaes, que em cinco edições feitas em vida da colectânea *Sempre* (1898; 1902; 1915; 1923; 1929) de cada uma delas fez um livro distinto e único e não fazia por menos de três versões cada uma das suas biografias.

Não me parece pois despropositado afirmar que nas primícias de 1895, mesmo de parcos e chupados frutos, como é próprio do que começa, estão já presentes as premissas do magnânimo poeta futuro. Desta encruzilhada teve o autor do livro consciência ao baptizá-lo com o título certo de *Embriões*, por aí indicando quanto de rudimento, de primitivo, mas também de embrionário e de fetal, havia no livro de estreia. Há porventura todo um novo labor a fazer sobre o Pascoaes de 1895 a partir da constatação que lá se encontram os caboucos da sua criação adulta. É justo que se encare pois este primeiro livro do poeta com uma disposição mais compreensiva e menos assertivamente severa do que aquela que vigorou até hoje. Se Pascoaes também foi um adolescente titubeante, não deixou de ser fiel ao que em si era singular, dando-nos a provar uma primeira colheita, inevitavelmente pouco sumarenta e algo azeda mas genuína. É tempo de integrar o volume na sua bibliografia geral, justificando assim e sem reserva a reedição que ora se faz.

O facto de Pascoaes ter destruído parte importante da edição do seu livro de estreia, cuja tiragem não deve ter ido além das poucas centenas de exemplares, tornou-o peça rara e hoje muito cobiçada pelos bibliófilos. É sabido que nas curvas e contra-curvas do comércio quanto mais rara é a oferta, mais alto sobe, se a procura cresce um tanto, o valor. Ora Teixeira de Pascoaes, ao longo de sucessivas gerações, manteve e alargou até um círculo de leitores, que desenvolveu crescente curiosidade pelo seu volume de estreia, durante décadas pouco mais do que ignorado. *Embriões* foi o único dos seus livros nunca reeditado ou reimpresso, pois até *Profecia*, que viu a luz em Coimbra em 1901, assinado a quatro mãos com Lopes Vieira, foi reproduzido por Faria e Maia n' *A Minha Velha Pasta* (1937).

Resultou daqui uma situação grotesca. O livro mais desvalorizado por Teixeira de Pascoaes, o livro que ele procurou destruir e esquecer, o volume de 1895, é hoje aquele que o mercado mais encareceu. Só se pode esperar que esta reedição, introduzindo em circulação novos exemplares, e se possível contribuindo para o seu resgate em futuras colectâneas do poeta, possa contribuir para repor algum equilíbrio neste desacerto eticamente injustificável.

Uma última palavra para os exemplares conhecidos. Conheço três exemplares da obra. O primeiro pertenceu a Maria Fernanda Vilalva de Magalhães – Maria José, a sobrinha do poeta, trata-a por Fernanda de Magalhães e Menezes, dando-a por inspiradora dos primeiros poemas de *Sempre* – e foi-me oferecido por seu filho Pedro Van Zeller, então proprietário do volume, a quem exaro aqui

uma palavra de comovida gratidão. O segundo está na biblioteca pública do Porto e pertenceu a Sampaio Bruno. O terceiro foi-me cedido, em cópia digital, pela responsável da biblioteca municipal de Amarante, Dr.<sup>a</sup> Maria José Lopes, a quem publicamente agradeço, e tem assinatura a tinta do seu primeiro (?) proprietário.

Não se assinalam variantes nestes três exemplares – apenas o que pertenceu a Maria Fernanda apresenta falta de tinta no poema vigésimo, “Canto d’um Retrato”, fazendo-se ilegível. O exemplar que pertenceu a S. Bruno tem emendas manuscritas, porventura do punho do jovem autor, mas coincidem com aquelas que estão na errata final (p. 133). Registe-se que a epígrafe do livro, a quadra da página 11, teve edição solta em cartão (s/d), onde aparece impressa a tinta vermelha, com ortografia ligeiramente alterada, mais arcaica (*Chorar?!... Mas para que? Se apoz a vida,/ A essencia da minha'alma tão sonora/ Crystallisa na gotta indefinida,/ Que beija de manhã a luz da Aurora!...*), assinada por Teixeira de Pascoaes (maiúsculas). O exemplar em meu poder foi-me também oferecido pela magnanimidade de Pedro Van Zeller, raríssimo amigo que ainda privou de muito perto com Teixeira de Pascoaes e com o seu tradutor alemão, o grande Albert Vigoleis Thelen. Pode-se pois aceitar, até mais vasta e probatória consulta, como definitivo, e sem necessidade de qualquer adenda ecdótica, o facsímile que de seguida se apresenta.

António Cândido Franco

15 Agosto de 2015

---

## EMBRYÕES